

**Eça de Queiroz  
e o vinho do Porto**

Página mensal da  
Confraria Queirosiana

**Pág. 30**

# Eça & Outras

## Eça de Queiroz e o Vinho do Porto

Celebra-se este ano de 2006 os 250 anos da demarcação pombalina do Douro para a produção dos vinhos que haveriam de correr mundo com o nome da cidade por cuja alfândega eram exportados: os vinhos do Porto. Dizemos de propósito “os vinhos do Porto” porque nunca o produto em causa foi só “um” mas sim de várias qualidades, aromas, cores, merecimentos, idades e preços, com limites qualitativos difíceis de precisar, não obstante a ajuda da geologia, da economia, da moda e, mais recentemente, da enologia. Mas aquilo a que chamamos “Vinho do Porto”, nas suas diferentes aparências “clássicas”, foi fixado pelas exportações pós-napoleónicas para o mercado londrino que o definiu no comércio internacional. Não foram o Porto, nem os armazéns de Gaia, nem muito menos o Douro, quem definiu o padrão deste *blend*: foi o “mundo”.

Na obra de Eça de Queiroz, o Vinho do Porto tem uma representação constante, como muito bem anotaram diversos autores e, entre eles, Dário Moreira de Castro Alves no seu livrinho *O Vinho do Porto na obra de Eça de Queiroz*. Sintra: Colares Editora, que praticamente esgota o tema. Ai se encontram as alusões ao “1815”, ao “1834” ao “1847” e aos de todas as ocasiões em que convém beber Porto.

Têm merecido no entanto menos interesse as relações de Eça de Queiroz com os produtores e exportadores desse vinho, com os quais fatalmente se encontrou no Porto, em Gaia, *máxime* na Granja, por onde passavam *todos* nas ânsias de conviverem com a nobreza da capital, em Londres e ainda em outros lugares. E também as suas relações com o “vencido da vida” Luís Pinto de Soveral, futuro marquês de Soveral que, além de ser oriundo de uma família de produtores de vinhos do Douro, durante a sua carreira diplomática em Inglaterra teve ocasião de defender a genuinidade do Vinho do Porto perante as falsificações portuguesas (pois então!) e estrangeiras que invadiam o mercado inglês. É possível que o próprio Eça, na

sua actividade consular, tivesse algumas vezes de lidar com o assunto Porto, que as cidades de Havana, Newcastle, Bristol e Paris tão bem conheciam.

Enfim, num ano em que se anunciam vários eventos para recordar os 250 anos da demarcação pombalina, convém não esquecer aqueles escritores internacionais, como Eça de Queiroz ou Tolstoi, que deram ao Vinho do Porto o grande estatuto de bebida mundial. Tal não será acção de somenos, dado que o habitual é o chamarem-se à colação os literatos locais que chamam à jерopiga da terra “o verdadeiro vinho do porto, o generoso, o fino, o do lavrador”, passando rapidamente daí para as excelências dos tacanhos projectos locais, defendidos a todo o custo em detrimento dos grandes desígnios regionais e nacionais e desde que haja subsídio. Lendo Eça, meditando no que ele escreveu e procurando mesmo aspectos novos e desconhecidos na sua vida e obra, talvez compreendamos que “ora o inglês [já não] é o nosso maior freguês: e não teremos pois de ora em diante quem nos consuma na sua quase totalidade o nosso Vinho do Porto; os nossos minérios, as nossas frutas, o nosso sal, a nossa cortiça. Para não arruinar o Porto, Aveiro, Setúbal, o Alentejo, etc., seremos forçados a procurar novos fregueses - o que, neste século de áspere, febre, tumultuosa concorrência, se vai tornando a mais pavorosa das dificuldades humanas”. (O «Ultimatum» in *Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, p. 249). Isto escreveu Eça há mais de cem anos; desde então ainda estamos a procurar “quem nos consuma na sua quase totalidade o nosso Vinho do Porto”, insistimos em vender os nossos fracos minérios, deixamos apodrecer as frutas nas árvores, já importamos sal e derrubamos sobreiros para fazer condomínios fechados. Ah! E somos europeus.

J. A. Gonçalves Guimarães  
Mesário-mor da Confraria queirosiana

### ANTOLOGIA

## [A importância de uma garrafa de Porto]

«Um dos redactores das *Farpas*, achando-se em Paris, e almoçando em casa de Vefour com o seu amigo H. James Mortimer, o mesmo que em Londres está redigindo uma folha bonapartista, teve ocasião de oferecer ao Imperador, por intermédio deste amigo comum, uma garrafa do mesmo vinho do Porto que o jornalista americano e o jornalista português tinham bebido juntos. O vinho

foi achado delicioso nas Tulherias; e, passados dias, aquele que devia ser depois o prisioneiro de Wilhelmshöhe, fez entregar por M. de Conti, *écuyer*, um bilhete de visita ao que é agora redactor das *Farpas*. Uma garrafa dada, um bilhete agradecendo. O redactor das *Farpas* julga-se quite com o Segundo Império».

Eça de Queiroz, *Uma Campanha Alegre* - I, p. 264.

página dos Amigos do Solar Condes de Resende - CONFRARIA QUEIROSIANA  
Nº 15 – Domingo, 25 de Janeiro de 2006 | Coordenação da página: J. A. Gonçalves Guimarães, mesário-mor da Confraria Queirosiana. Colaboradores: Fátima Teixeira; Julio Régio; Carlos Sousa. | Endereço: ASCR-Confraria Queirosiana | Solar Condes de Resende | Travessa Condes de Resende | 4405-239 Canelas V.N.GAIA - PORTUGAL | Telefone/Fax: 227625622 | Telemóvel: 968193238 | Email: queirosiana@hotmail.com | Cte.nº506285685 | NIB: 00180000553650900154 | IBAN: PT5000180000553650900154

### VINHOS DO PORTO E DO DOURO QUEIROSIANOS

No ano 2000, para assinalar o centenário do passamento do escritor, a Casa Ramos Pinto produziu um *winery* “Eça de Queiroz”; em 2003, a Quinta and Vineyard Bottlers Vinhos, AS, para assinalar a instituição da Confraria, criou um *winery* reserva “Confraria Queirosiana”; em 2005 a Adega Cooperativa de S. João da Pesqueira pôs no mercado o seu vinho de mesa reserva 2000 “Fraga de Ouro” com um contra-rótulo da Confraria de homenagem ao Marquês de Soveral. Nos tempos que correm convém não esquecer que qualquer bom vinho tem, pelo menos, 75% de boa água sem cloro, para além de álcool (13% nos vinhos de mesa maduros, 19% nos Porto, mais ou menos) e outras substâncias naturais que lhe dão a cor, o aroma, o sabor, algumas delas benéficas para a saúde ou, pelo menos, para induzirem bons momentos de convívio e boa disposição, enquanto sabe bem o que se bebe e o apreciador manda na bebida, pois quem gosta de vinho não se embebeda. Então, à sua saúde!

### EÇA HOMENAGEADO EM CUBA

A 8 de Dezembro de 2005, foi inaugurado, no café Colunata Egípciana, em Havana, um painel evocativo da passagem de Eça de Queiroz. Este lugar está ligado, segundo a tradição, à sua presença quando cónsul em Havana.

Nesta inauguração estiveram presentes, o embaixador português Mário Godinho de Matos, o Prof. Doutor Eusebio Leal, historiador da cidade de Havana e o arquitecto José de Almada Negreiros, filho de Mestre José Almada de Negreiros, o autor do desenho do painel de azulejos da Fábrica Viúva de Lamego. Nele podemos ler “sobre a nudez forte da verdade / o manto diáfano da fantasia” Eça de Queiroz (1845-1900) – “gran escritor português, diplomático y cónsul de Portugal en La Habana (1872-1874)”. Nesta cidade, o cónsul português deparou-se com milhares de chineses, os coolies, embarcados em Macau numa situação muito próxima da escravatura, ao serem contratados para o cultivo da cana-do-açúcar. Muito do seu tempo foi dedicado à protecção destes trabalhadores, dando-lhes a cédula de cidadãos portugueses, o que garantiu alguma liberdade a muitos destes emigrantes e atraiu a ira das autoridades espanholas que então colonizavam a ilha.

### LIVROS DO AVÔ DE EÇA EM LEILÃO

Vários volumes da legislação produzida nos Açores durante o governo de D. Pedro IV, antes do desembarque do Mindelo, e que pertenceram ao juiz Joaquim José Queiroz, avô de Eça de Queiroz, que neles colaborou depois de ter fugido à perseguição dos miguelistas, foram a leilão em Lisboa. Tendo feito parte da biblioteca do historiador Artur Anselmo, de tal nos deu conta António Valdeimar no “Factual” do *Expresso* de 5 de Novembro passado, p.10.

### NOVOS CORPOS GERENTES DA CONFRARIA QUEIROSIANA

No passado dia 26 de Novembro foram eleitos os corpos gerentes dos Amigos do Solar Condes de Resende - Confraria Queirosiana para o biênio 2006/2007. A Mesa da Assembleia Geral tem a presidir Nelson Cardoso, secretariado por José António Afonso, Armando Nogueira, Julio Régio e Maria Alice Búzio. O presidente da Direcção é Gonçalves Guimarães e o vice-presidente Paulo Sá Machado, secretariados por Carlos Sousa e como tesoureira Amélia Cabral, sendo vogais António Eça de Queiroz, Simões Duarte, Anabela Mimoso, Fátima Teixeira e Henrique Guedes. O Conselho Fiscal tem a presidir César Oliveira secretariado por Paulo Rocha, Eva Baptista e Blandina Lopes.



Painel evocativo da passagem de Eça de Queiroz pelo café Colunata Egípciana, Havana, Cuba. Fotografia de Alberto Santos Silva.